

A agitada vida do centro financeiro da cidade



No 'coração' financeiro de Salvador, os casarões antigos dividem espaço com os modernos espigões e abrigam escritórios, agências bancárias e todos os tipos de estabelecimentos comerciais



Bolsa de Valores, bancos
e Receita Federal tornam
o bairro bem movimentado

Cláudia Lessa

O maior volume de dinheiro de Salvador circula no Comércio. Nada menos que 74 agências bancárias estão concentradas no centro financeiro da cidade, totalizando cerca de 30% das 259 estabelecidas na capital baiana. Pela sua peculiaridade, o bairro é frequentado basicamente por comerciantes, bancários e empresários. Isso sem falar nos turistas que nunca deixam de visitar o Mercado Modelo e na poluição ligada às Docas. Entre casarões antigos e "espigões" modernos, o Comércio convive com a contradição de ver circular em suas estreitas ruas gente de terno e gravata, ao lado de uma população marginalizada que mora na Ladeira da Montanha, Taboão e Pilar.

bairro, há cinco opções — duas são só para pedestre, através do secular Elevador Lacerda ou do Plano Inclinado Gonçalves, que ligam a Cidade Alta com a Cidade Baixa. As demais alternativas são pela Avenida Contorno, pelo Túnel Américo Simas (via Bonocô) ou pela Avenida San Martin. Chegando no bairro (em dia útil), é preciso de certa paciência para suportar os constantes engarrafamentos no tráfego e o grande aglomerado de pessoas que transitam pelas ruas, ocupadas em sua maioria por ambulantes ou bancas de revista. O cenário do Comércio, entretanto, é modificado no fim de semana, quando as ruas ficam totalmente desertas de "magnatas", que cedem lugar a mendigos e meninos de rua.

Bolsas — Podendo comparar o Comércio a Wall Street — rua onde se encontra a Bolsa de Valores de Nova Iorque —, o bairro é, evidentemente, o mais rico da cidade.

prédio da Receita Federal, a Associação Comercial da Bahia e o Instituto de Cacau, além de várias empresas de exportação, o que traduz a devida dimensão da importância financeira da área. Mas, paralelamente, os imóveis de escritórios estão se desvalorizando em função do surgimento de novas áreas comerciais, a exemplo da Avenida Antonio Carlos Magalhães. É no Comércio também que se encontra grande número de lanchonetes e restaurantes, com 27 estabelecimentos, sendo o mais novo o McDonald's.

Além do Elevador Lacerda e do Mercado Modelo, a escultura de Mário Cravo, situada na Praça Cayru, também compõe o cartão-postal do Comércio. Suas ruas, a maioria com nomes de países — Bélgica, Grécia, Inglaterra, Argentina, Polônia, Estados Unidos — entre outras, servem de palco para a tradicional Lavagem do Bonfim, que acontece anualmente no mês



de termo e gravata, ao lado de uma população marginalizada que mora na Ladeira da Montanha, Taboão e Pilar.

Ir ao Comércio significa resolver negócios em banco ou em escritório, pelo menos para a população de Salvador. Para se chegar ao

de rua. **Bolsas** — Podendo comparar o Comércio a Wall Street — rua onde se encontra a Bolsa de Valores de Nova Iorque —, o bairro é, evidentemente, o mais rico da cidade. Ali, estão instalados a Bolsa de Valores, a Bolsa de Mercadorias, o

maioria com nomes de países — Bélgica, Grécia, Inglaterra, Argentina, Polônia, Estados Unidos — entre outras, servem de palco para a tradicional Lavagem do Bonfim, que acontece anualmente no mês de janeiro, saindo da Igreja da Conceição da Praia.

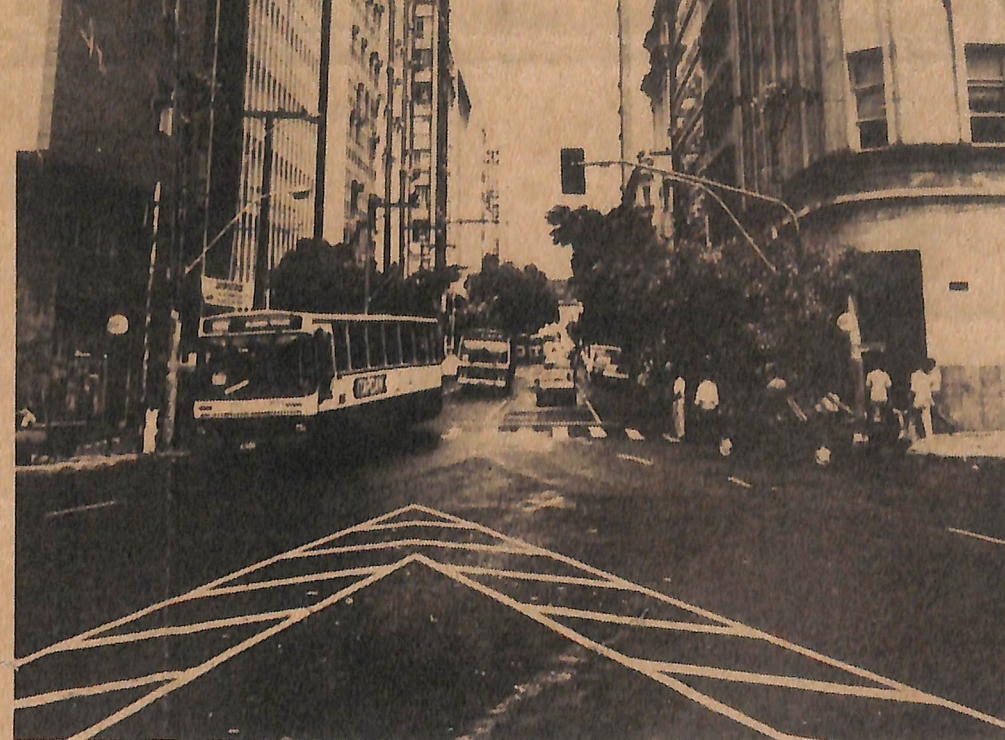
Bancos causam engarrafamento

O crescimento da rede bancária no Comércio — que em menos de dois anos recebeu mais 14 agências de banco — é fator determinante para o "congestionamento" diário do bairro (exceto no final de semana e em feriado). O local que era coberto pelo mar e que pouco a pouco foi sendo aterrado para dar lugar aos novos "ventos" do industrialismo que o país buscava, está cada vez mais abafado de construções comerciais. Em consequência, um grande número de carros disputa um

pedaço de chão das ruas do bairro e milhares de pessoas descem para a Cidade Baixa via Elevador Lacerda ou Plano Inclinado.

A ausência de estacionamentos — os que existem já são insuficientes, incluindo o Edifício Garagem Aliança — é a principal queixa de executivos e comerciantes que têm no Comércio o ponto fixo de trabalho. "Estacionar aqui no Comércio é uma verdadeira *via crucis*. Muitas vezes deixo o carro

lá em cima (na Cidade Alta) e venho a pé", comenta o bancário Roberto Luiz Feitosa, 34. A Zona Azul do Comércio, por outro lado, é disputada como "ouro no garimpo". É preciso muita sorte para se conseguir uma vaga, segundo admitem os guardadores de carro da prefeitura. A prova de que o Comércio está superlotado é o que mostra o dado oficial de que, em 1988, as 60 agências bancárias até então existentes geravam uma média de 40 mil empregos.



As ruas estreitas ficam engarrafadas e as calçadas lotadas nos dias úteis, mas nos finais de semana o bairro muda de cenário e fica deserto

QUEM/Nelson Souza

Prejuízos da moda

Os tênis surgiram para atrapalhar a vida do engraxate que hoje limpa no máximo 10 pares de sapato por dia

A moda do tênis de couro ou de plástico veio para atrapalhar a vida profissional do engraxate Nelson Souza, 55, que há 36 anos faz ponto na Rua Santos Dumont, no Comércio. Ele conta que tempos atrás tinha um grande número de "fregueses" que marcavam até hora para lustrar os sapatos. Hoje, o máximo que consegue é dez pares de calçado por dia para dar brilho. Mesmo assim, "seu" Nelson Souza não se queixa dos tempos modernos, apesar de admitir que "antigamente vivia mais feliz".



O engraxate recorda com orgulho do serviço que prestou a personalidades baianas, a exemplo de Régis Pacheco e João Bacelar. "Eles gostavam do meu trabalho e vinham aqui pessoalmente", conta fazendo referência ao tempo em que o Comércio era um lugar tranquilo e não havia um único assalto. Segundo ele, sábado era o dia que mais tinha serviço. "Não parava um instante. Todo mundo queria ficar com os sapatos lustrados para passear à noite", conta.

Depois dos três filhos e a mulher, que moram com ele em Sete de Abril, a maior paixão dele são programas futebolísticos que acompanha pelo rádio de pilha. Essa aliás é a sua distração diária, enquanto os clientes não chegam. A escolha pela profissão não foi por acaso, e sim forçada por um acidente de bonde que lhe obrigou a amputar a perna esquerda quando tinha apenas 18 anos. "Eu fui saltar antes da hora e minha perna ficou presa na roda do bonde", explicou.

O QUÊ/Mercado Modelo

Atração turística



Depois de sofrer quatro incêndios, o monumento ainda consegue fascinar os visitantes de todas as partes

Um dos pontos da cidade que mais chamam a atenção dos turistas, o Mercado Modelo (localizado na Praça Cayru) completa este ano 79 anos de existência. Os quatro incêndios no prédio não foram suficientes para comprometer o monumento, que passa hoje por uma fase de recuperação da sua imagem perante os próprios filhos da terra. Segundo o administrador do Mercado, José de Anchieta Santana, a intenção é reativar o local que era frequentado também por boêmios e executivos.

A falta de segurança na área, propagandeada por todo o mundo, foi o principal problema a ser enfrentado pela atual administração do Mercado Modelo. Com isso, seis seguranças — das 9 às 18h, de segunda a sábado, e domingos e feriados, até às 12h (horário de funcionamento do Mercado) — foram colocados no local. "Desde então, os visitantes transitam por aqui tranquilos, sem medo de serem assaltados", diz José Anchieta. Além disso, o Mercado Modelo passou por uma recente reforma em suas instalações, onde estão distribuídos

dois restaurantes, 15 cantinas, 15 bares e diversos boxes.

História — O primeiro Mercado Modelo foi construído em 1912, em estrutura metálica, o que provocou a contestação da comunidade devido à aparência de galpão. Três anos depois, foi restaurado — reforma que durou 18 meses —, dando origem ao Novo Mercado com estruturas de alvenaria e fachada no estilo barroco.

O primeiro incêndio aconteceu em 1922 quando os barraqueiros se instalaram no Largo da Mariinha. Em 1943 ocorreu o segundo incêndio. Dessa vez, os comerciantes foram transferidos para o Largo da Conceição até a reconstrução, nove meses depois. O terceiro incêndio, em 1969, deixou totalmente comprometidas as estruturas, e os barraqueiros se instalaram provisoriamente em Água de Meninos. Após o quarto incêndio, em 1984, foi aplicada na reconstrução do Mercado uma tecnologia moderna, incluindo modernos equipamentos contra incêndio.